

Cana-de-açúcar: Perspectiva para a safra 2012/13 Região Centro-Sul

Novo modelo

Luiz Carlos Correa Carvalho*



A cana-de-açúcar depara com problemas de diferentes naturezas. Do lado estrutural, a queda das taxas de reforma dos canaviais, com aumento gradual da idade média da planta e queda na produtividade, o menor uso de insumos modernos, a alta intensidade de pragas e doenças e os custos altos. Da parte cíclica, o impacto da seca de 2010, o florescimento e as geadas em 2011 e a menor oferta e os preços altos de etanol.

Essa situação faz emergir questionamento sobre o esgotamento do modelo de crescimento, com uma taxa de expansão muito baixa. Não há políticas para incrementar investimentos como proporção do PIB setorial, de modo a reativar a produtividade e a competitividade. Se há um aumento sensível nos custos de produção, como melhorar a logística. As regras do jogo precisam ser postas às claras

Na região Centro-Sul, entre as safras 2006/07 e 2011/12, a produtividade, em termos de tonelada por hectare, variou de 58 para 78 toneladas, com a média de 68,4 toneladas, enquanto a qualidade em pol% cana ficou no intervalo de 13 a 15, na média de 14,08. Interessante é que os piores resultados foram constatados nas últimas três temporadas.

Há um desconforto no médio e no longo prazo. O desempenho da cana-de açúcar, depois de anos de expansão, entrou em um vale de baixa. A competitividade agroindustrial do Estado de São Paulo perde força em relação ao açúcar de beterraba da Europa.

A produção de cana-de-acúcar cresceu durante o triênio 2008/10. Mas, depois, os sistemas de produção ficaram fragilizados. Houve muita cana bisada (deixada no campo de uma safra para a outra) em 2009/10 e excesso de chuvas em 2010/11. Assistiu-se, em 2011, a um enorme esforço para renovar os canaviais, No entanto, a área a ser colhida será menor em 2012 em razão de três impactos:

1º Grande renovação de cana de ano e meio;

2º Elevado uso e baixa produtividade das mudas;

3º Canas de ano com dois verões (soqueiras de fim de safra).

Existem, ainda, diferentes pontos para serem levados em consideração quando se olha especificamente para a safra 2012/13. O desenvolvimento da cana está bem atrasado, com baixo rendimento e com a moagem em ritmo baixo. A colheita mecanizada traz outras dificuldades, pois não carrega toda a matéria-prima, que fica no campo além daquilo já perdido rotineiramente. Com isso, a capacidade de moenda fica ociosa.

O cenário ainda não está definido. A maturação da planta dependerá de como o clima irá correr ao longo dos próximos meses. O mix de produção poderá repetir ou não a taxa apurada no ano passado. Os números apurados para este início de safra não estão favoráveis. As socas envelhecidas, as falhas nas lavouras e a incidência de pragas e doenças são indicadores de fraca produtividade. As projeções para a safra 2012/13 da região Centro-Sul levam em conta a idade média maior (3,3%) e a produtividade agrícola menor (-1,85%) dos canaviais. O *stress* de cana está em estágio de difícil recuperação.

O mundo canavieiro não será mais o mesmo. O peso do capital externo a custo bem menor aumenta, e os mercados se abrem. A regulamentação perde força e fica com capacidade limitada. Novos *players* aparecem e pressionam a concentração. A expansão ocorrerá em áreas não tradicionais.

O nome do jogo é a sustentabilidade. Fundamentos técnicos e produtividade passam pela capacitação de recursos humanos e tecnologia com irrigação. Certificação, custos competitivos, escala de produção e comercialização são estratégias indispensáveis.

As políticas públicas devem apresentar visões de horizontes de tempo mais largos. Os tributos diferenciados e os diferenciais de preços entre etanol e gasolina devem ter regras claras para serem cumpridos. A instalação de *greenfields* é essencial, em ambiente aberto para importação e exportação. O aproveitamento da cogeração é uma oportunidade real para o País.

Centro-Sul: Estimativa de produção para a safra 2012/13

	Cana-de-açúcar (milhões de t)	Açúcar (milhões de t)*	Etanol (bilhões de l)*
Mínima	460	29,4 a 29,8	19,3 a 19,6
Média	470	30,1 a 30,5	19,8 a 20,0
Máxima	480	30,7 a 31,1	20,2 a 20,5

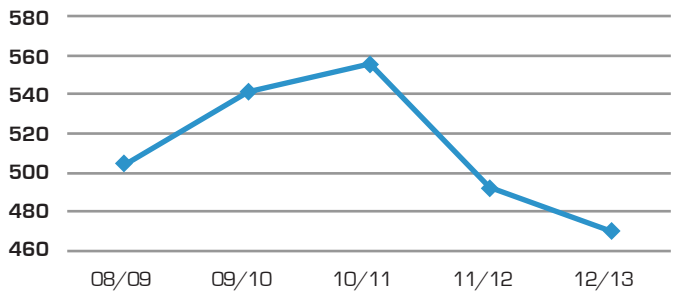
* a variação apresentada é resultado do nível de Açucar Total Recuperável (ATR) da cana-de-açúcar

Fonte: Canaplan



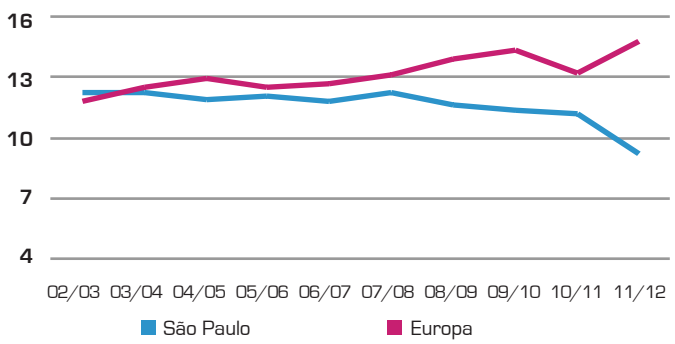
SXC.HU

Centro-Sul: Produção de cana-de-açúcar (milhões de t)



Fonte: Canaplan

Produtividade agroindustrial de açúcar (t/ha)



Fontes: Unica e Tereos Internacional

*Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) e Diretor da Canaplan

Pacotes tecnológicos

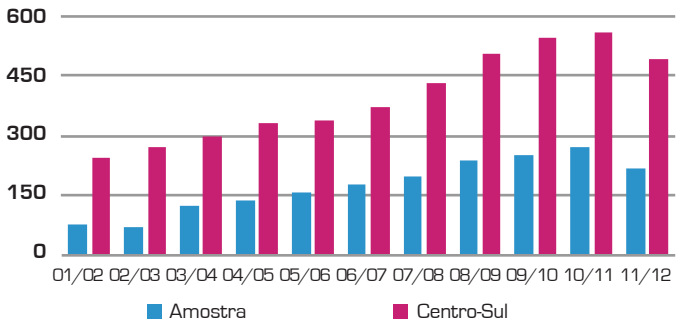
Júlio Campanhão*



Para a realização da previsão de safra de cana-de-açúcar na região Centro-Sul, a Canaplan ampliou o tamanho da amostra à medida do aumento da produção no correr dos anos. Para a safra 2012/13, ficou próxima de 50%. A participação dos fornecedores e das usinas correspondeu, respectivamente, a 32,7% e 67,3%. Esses valores permanecem relativamente estáveis.

Na safra 2011/12, a produtividade da cana-de-açúcar mostrou uma quantidade menor quando comparada a diferentes indicadores. Para as canas de ano, ano e meio, 1º corte, 2º corte, 3º corte, 4º corte e demais cortes, os volumes estiveram abaixo em relação ao histórico. Também quando se compara a média de cada mês entre abril e novembro de 2008/2009/2010, ocorre uma redução.

Participação da amostra na produção total (milhões de t)



Fonte: Canaplan

Nas análises efetuadas pela Canaplan, a qualidade da matéria-prima em pol% de cana foi maior em 2006/07 (14,74) e menor em 2009/10 (13,03). A média do período 2004/2012 (14,08) ficou acima de 2011/12. O pol% de cana entre 2008 e 2011 mostrou um comportamento típico de crescimento entre abril e julho, com o pico de agosto a outubro e diminuição durante novembro e dezembro.

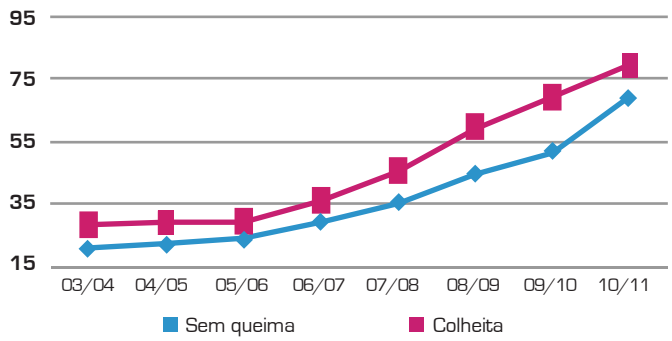
Na safra 2011/12, a quebra na região Centro-Sul atingiu 21,5%, sendo 19,1% em decorrência de clima desfavorável e 2,4% por causa da qualidade. A maior quebra aconteceu em Mato Grosso do Sul e a menor, em Mato Grosso.

Entre 2003 e 2008, as amostragens feitas pela Canaplan mostraram que os principais fatores de competitividade foram: clima (50%), solo (23%), planta (13%) e manejo (14%). A concentração de colmos por metro e o peso do colmo são tidos como componentes influentes na produtividade agrícola.

A contingência climática sempre será imponderável na produção agrícola, mas a adoção de um conjunto de medidas pode minimizar seu impacto negativo. A universidade ensina que a produtividade do solo reflete o que está abaixo do nível do solo. Com a mecanização crescente das práticas agrícolas, do plantio à colheita, cabe aprimorar o pacote tecnológico contra os fatores de redução da produtividade. O pol% de cana, quando se colhem variedades na época recomendada, vai de 23% em abril para 89% em setembro e depois reduz a 48% em novembro. A média do ano é de 66%.

Assim, se a deficiência hídrica é uma condição adversa que deixa os entrenós da planta curtos e finos, a compactação do solo merece tratamento especial. O melhor manejo da cultura implica na adubação diferenciada para corrigir a deficiência de nutrientes, até o controle das doenças, pragas e das ervas daninhas. A escolha do material adequado é vital para a colheita na época, recomendada para precoces e tardias. Atentar para as falhas de brotação decorrentes da colheita com muita umidade e da competição do mato.

Centro-Sul: Tipo de colheita de cana (milhões de t)



Fonte: Canaplan



*Analista da Canaplan

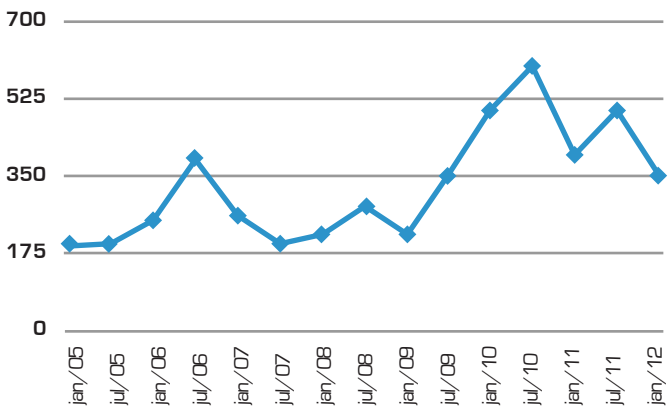
Demandas e ofertas globais

Martin Todd*



Como os seus preços praticamente dobraram a partir de 2008, a produção de açúcar ganhou estímulo de produção no mundo. De 1990 a 2010, o Brasil dominou amplamente o incremento na oferta do produto, com avanço de 33 milhões de toneladas, contra oito milhões da Índia e sete milhões do resto do mundo. Já entre 1990 e 2012, o aumento brasileiro foi de 32 milhões de toneladas, com um salto na Índia de 15 milhões, Tailândia de 3,5 milhões, Rússia de 3,0 milhões e no resto do mundo com 11,5 milhões.

Mundo: Preço do açúcar (US$/t)



Fonte: LMC International

A produção indiana de açúcar mostra uma tendência de crescimento, pois passou de 20 milhões de toneladas para 24 milhões. Essa variação não foi regular no período, com baixa de quase 30% entre 2007/08 e 2009/10. Já o consumo subiu linearmente de 20 milhões para 24 milhões de toneladas.

Fora o Brasil e a Índia, resta saber os países com capacidade excedente de produção, investimentos em novas plantas e as limitações impostas pelas regulamentações.

Com capacidade de produção, existem indústrias em ociosidade. Os preços do açúcar, seja de cana ou de beterraba, precisam atrair os produtores. Como falta também competitividade para exportação, a produção se limita a atender aos mercados domésticos, como acontece na Austrália, África do Sul, Ucrânia, China, Índia, no Paquistão e Vietnã.

Durante 2005/06 e 2011/12, ocorreram mudanças no balanço de oferta e demanda dos países. O consumo da Austrália permaneceu estável em 1,0 milhão de toneladas, mas a produção caiu de 5,5 milhões para 4,0 milhões de toneladas. A Rússia busca a autossuficiência, com aumento na produção de 2,5 milhões para 5,0 milhões de toneladas, com consumo de 5,5 milhões. O consumo chinês passou de 12



milhões para 15 milhões de toneladas, enquanto a produção ficou entre 9 a 11 milhões.

Novas plantas estão em construção na Tailândia, Índia e no continente africano (Angola, Etiópia, Quênia, Moçambique, Zimbábue e outros). A Tailândia opera em plena capacidade, com uma produção ascendente de 4,5 a 10,5 milhões de toneladas e consumo de 2,5 milhões entre 2005/06 e 2011/12. A sua capacidade de expansão é de 2,0 milhões de toneladas. No sudeste e leste africano, de 2005/06 e 2011/12, a produção passou de 3,0 para 4,0 milhões de toneladas, com consumo de 2,5 milhões e capacidade de expansão de 1 milhão.

Com a política de quotas de produção na Europa e o controle na comercialização nos Estados Unidos, essas duas importantes regiões consumidoras de açúcar estão limitadas na expansão da produção.

O consumo mundial de açúcar cresce 3,0 milhões de toneladas por ano. Na presente temporada, há um excedente de 7 a 8 milhões de toneladas. Até 2015, será necessário aumentar a oferta de 3 a 5 milhões de toneladas. Isso é possível, mas a produção mostra volatilidade. A demanda sobre o produto brasileiro continuará.

*Analista da LMC International

Mercado de combustíveis

Tarcilo Ricardo Rodrigues*



As políticas mandatárias dos governos em relação à mistura do etanol na gasolina ocorrem em todos os continentes. No mundo, a demanda deve crescer 3,5% neste ano. Nos Estados Unidos, depois de ser reconhecido pela Agência de Proteção Ambiental como combustível avançado, o etanol feito a partir da cana vive um novo momento, com ampla possibilidade de exportação nos próximos anos. Na Europa, a demanda poderá ultrapassar a capacidade de produção por volta de 2015.

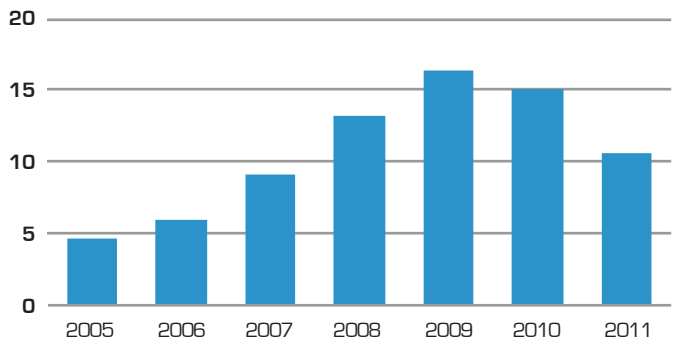
Brasil: Consumo de gasolina (milhões de l)

Combustível	2008	2009	2010	2011
Etanol anidro	6.294	6.352	7.088	8.383
Gasolina A	18.881	19.057	22.756	27.069
Gasolina C	25.175	25.409	29.844	34.452

Fonte: ANP

No Brasil, a gasolina comum C se encontra disponível no mercado, sendo comercializada nos postos revendedores e utilizada em automóveis. A sua preparação é feita pelas companhias distribuidoras que adicionam álcool etílico anidro à gasolina tipo A, produzida pelas refinarias de petróleo e entregue diretamente às companhias distribuidoras.

Brasil: Produção de etanol hidratado (bilhões de l)



Fonte: ANP

O etanol hidratado carburante possui 93% de etanol puro e 7% de água. Sua utilização no Brasil iniciou-se em 1979, com o lançamento dos carros a álcool, na segunda fase do Programa Nacional do Álcool (Proálcool). Atualmente, a gasolina compete com o etanol hidratado em razão de fatores tributários e de controle de preços.

*Analista da Agência de Fomento de Energia de Biomassa (Biogênica)



SXC.HU



SXC.HU

Arbitragem favorece o açúcar

Luiz Silvestre*

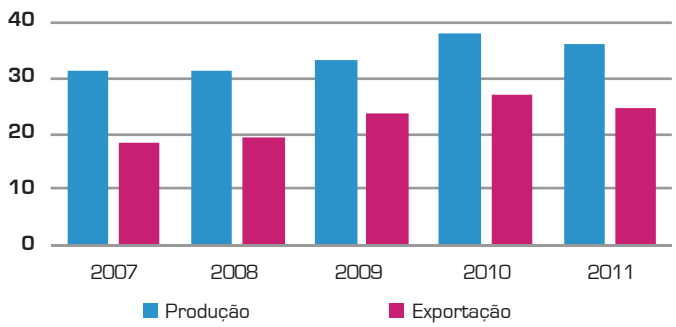


Clima favorável e preços elevados ajudaram a aumentar a produção em diversas regiões do mundo, como Tailândia, União Europeia (UE), Rússia e Índia. Entre os países que ganharão participação nas exportações estão Tailândia e Índia, enquanto Rússia e UE dependerão das importações.

Embora com custo de produção em alta de USc$15,1 a USc$19,3, de 2009 a 2001, além do real valorizado frente o dólar, o Brasil segue com competitividade, acima da Tailândia (USc$ 20,9), Índia (USc$ 23,7), França (US$ 28,0), Alemanha (US$ 29,5) e China (USc$ 35,4), mas perde para a Guatemala (US$ 16,9) e Austrália (USc$ 16,3).

A participação brasileira no mercado mundial de exportação de açúcar bruto foi de 60% em 2011. Em milhões de toneladas, os principais exportadores foram Brasil (21), Tailândia (5) e Austrália (3). No açúcar refinado, os principais exportadores em milhões de toneladas foram Tailândia (2,2), UE (2,1), Brasil e Emirados Árabes (0,9) e Guatemala (0,6). Nos embarques de açúcar cristal, foram Brasil (2,8), Índia (1,3) e Tailândia e Paquistão (0,60).

Brasil: Produção e exportação de açúcar (milhões de t)



Fonte: Secex

Para as temporadas 2010/11 e 2011/12, o superávit mundial esperado é de 9,0 para 5,0 milhões de toneladas. O custo de exportação do Brasil está projetado em USc$ 21,50, com a taxa de câmbio de US$ 1,79. A safra promete bons resultados, e a arbitragem favorece a exportação de açúcar. Como proteção à volatilidade dos preços, algumas vendas estão sendo antecipadas.

*Diretor da ED&F Man

Ânimo, preocupação e esperança

Alexandre Enrico Figliorino*



O setor sucroenergético brasileiro convive em um ambiente desfavorável do ponto de vista técnico e econômico. Na crise de 2008, iniciada nos Estados Unidos, a cadeia vinha de uma fase de euforia em termos de investimentos, com os canaviais mais estruturados e jovens. O açúcar começava seu ciclo de alta, e os custos de produção estavam bem abaixo da paridade energética com a gasolina. Com o governo mostrando comprometimento, um número grande de *players* entrava na atividade, com os negócios alavancados, fruto do alto nível de investimento.

Capacidade de investimento das usinas

% de Usinas	Situação
65%	Preparadas para novos investimentos, aquisições ou pertencentes a grandes grupos (dívidas abaixo de R$ 70 por tonelada moída).
18%	*On hold*. Em recuperação, com dívida entre R$ 70 a R$ 100 por tonelada moída.
17%	Alavancadas com a necessidade de saída via operação estratégica (mais de R$ 100 de dívida por tonelada moída).

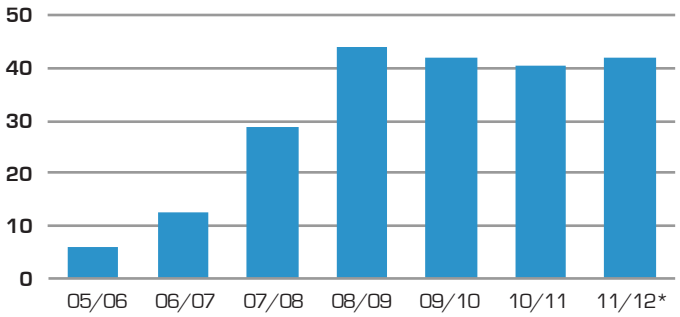
Fonte: Itaú/BBA

Nessa pré-crise de 2012/13, os canaviais dão sinais de envelhecimento. Para o açúcar, o cenário de preços está indefinido e há menor dependência externa da oferta brasileira. O custo de produção do etanol se aproxima do nível de paridade da gasolina. Há menor interesse pela aquisição de ativos por novos entrantes, e grandes *players* estão mais voltados para consolidar as suas operações. Algum movimento de saída de *players* que entraram no setor recentemente já é notado. A alavancagem decorre de problemas climáticos e operacionais. O ano passado foi marcado pela crise de diálogo entre o setor e o governo.

O vento corre a favor quando se olha o fortalecimento do dólar em relação ao real e o preço do barril de petróleo acima de US$ 100. Clima desfavorável em outras partes do mundo ajuda e equacionar o problema de oferta e demanda no curto prazo. A disponibilidade de linhas de financiamento adequadas para plantio e armazenagem também favorece.

O quadro de preocupação parte da baixa rentabilidade do etanol e do fato de cerca de um terço das empresas estar em situação financeira ruim. Há um desincentivo para bioeletricidade; e falta transparência na política de preços da gasolina no longo prazo. A insegurança aumenta com os rumos

Estimativa setorial da dívida (R$ bilhão)



(*) projeção
Fonte: Itaú/BBA

a serem dados para o Código Florestal, a aquisição de terras por estrangeiros e a Norma Regulamentadora 31, que rege o trabalho rural.

As esperanças estão depositadas no aumento do preço da gasolina e na desoneração tributária do etanol (PIS/Cofins e ICMS). A readequação da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) refletiria as externalidades positivas do biocombustível em relação ao fóssil. O incentivo à bioeletricidade passa pela realização de leilão por fonte e área geográfica, com a desoneração tributária dos investimentos. O desenvolvimento de novas tecnologias representa alternativa para dar respostas a esses problemas atuais e reduzir os custos de produção. ■



SXC.HU

*Diretor do Itaú/BBA